

Cooperação um dos princípios de Empreendimentos Coletivos

Maria da Conceição, sócia fundadora da Asplande

O espaço de produção econômica pressupõe em uma sociedade capitalista relações de produção e comercialização pautadas na competição e na busca da máx. exploração dos meios de produção sendo o principal deles a força de trabalho.

A busca da sobrevivência dos empreendimentos coletivos de caráter solidário enfrenta este dentre outros obstáculos. Como forjar a superação deste modelo e ao mesmo tempo garantir um resultado econômico satisfatório.

Desenvolver estratégias de participação que assegure espaços de produção cooperativos e solidários tem sido nosso grande desafio.

Neste contexto cada grupo precisa ser visto como um núcleo de relações que ultrapassam os espaços de produção e incorporam elementos da vida cotidiana e por isso carrega as marcas de tantas outras lutas e tantas outras dores que seus membros vivenciam.

Como então articular esta realidade com as exigências de mercado?

Uma das respostas está na vivência de um conjunto de princípios básicos para a realização de trabalho coletivo, sendo a COOPERAÇÃO um destes princípios e fundamental que se busque não apenas o entendimento, mas vivenciar tal princípio.

Uma das principais dificuldades para esta vivência tem sido a falta de articular este com outro princípio o da AUTODETERMINAÇÃO.

A cooperação e a autodeterminação como os demais princípios do trabalho cooperativo estão interligados. Deste modo muitos empreendimentos são dificultados pela falta de harmonia no exercício destes princípios. Tem sido comum o grupo apresentar como principal dificuldade os diferentes níveis de cooperação entre os participantes. Nossa primeira reflexão é sobre qual a referência de participação o grupo utiliza além de conhecer qual o perfil dos membros. Como vivem, quais as expectativas em relação ao trabalho qual o nível de dificuldade que cada pessoa tem que enfrentar pra cumprir com os compromissos assumidos pelo grupo e como isto impacta no resultado obtido.

“Há um mundo de diferença entre satisfazer vontades e satisfazer necessidades.”

O MONGE E O EXECUTIVO

Neste contexto é fundamental que todos compreendam os elementos do cotidiano dos membros do grupo o que deve ser um dos requisitos para o ingresso no empreendimento, uma vez que grande parte das tensões – que são saudáveis – provêm da falta de conhecimento por

parte dos participantes dos grupos de produção, dos obstáculos que cada um enfrenta no seu dia a dia para cumprir os compromissos coletivos. Estas dificuldades na sua grande maioria impacta o resultado e pode provocar o enfraquecimento das relações interpessoais. Sobretudo quando não se tem claro quais as necessidades necessitam ser satisfeitas.

Outro aspecto a se observar é que a cooperação está diretamente ligada com o conhecimento que cada membro possui sobre todas as etapas do processo de produção. Não nos comprometemos com aquilo que não conhecemos. Por melhor que seja a coordenação, a assessoria e o agente financiador todos precisam conhecer cada etapa do empreendimento e cada compromisso que o grupo assume. A cooperação implica em fazer junto, e não fazer por.

“Intenções menos ações é igual a nada. Todas as boas intenções do mundo não significam coisa alguma se não forem acompanhadas por nossas ações..”

O MONGE E O EXECUTIVO

Não menos importante é a autoderminação que caracteriza a capacidade que cada um possui de dirigir o próprio destino. Sem ela qualquer esforço cooperativo naufragaria no oceano das dificuldades e da falta de confiança na capacidade que cada um temos de realizar, empreender.

Esta força individual e também do grupo de conduzir o seu destino reforça o papel do trabalho cooperativo como forma de superação das dificuldades individuais.

É esta mesma força que impulsiona o grupo a superar os desafios de toda ordem fazendo com que o resultado seja do grupo e ao mesmo tempo de cada pessoa que fez o melhor para que se alcançassem os resultados.

O trabalho do grupo também pressupõe a busca de relações mais igualitárias e respeitadas onde a diversidade constitui-se oportunidade de exercitar a convivência respeitosa garantindo espaços para diferenças de gênero, etnia, orientação sexual além da defesa intransigente dos direitos humanos e do pleno exercício da cidadania.

Tais resultados só são obtidos através do esforço pessoal de vencer as barreiras do preconceito de toda ordem.

Por fim a defesa do meio ambiente como um bem coletivo. Esta defesa se materializa no esforço coletivo de assegurar o uso racional dos recursos naturais.

Bibliografia

JAMES C. HUNTER: O MONGE E O EXECUTIVO: